

OS ESTUDOS DE COMUNIDADE E URBANOS COORDENADOS POR DONALD PIERSON NA ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

*Rafael Estevão Marão Guimarães**

Resumo: A contribuição de Donald Pierson (1900-1995) para as Ciências Sociais no Brasil foi significativa, pois ele combinou teoria e pesquisa na formação da primeira geração de cientistas sociais profissionais do Brasil. Simultaneamente a uma série de iniciativas com vistas a constituir na ELSP – Escola Livre de Sociologia e Política – um modelo acadêmico em Ciências Sociais, coordenou pesquisas na cidade de São Paulo e dois estudos de comunidade em regiões do interior do Brasil, tendo como propósito identificar aspectos do processo de mudança social. Este artigo tem por finalidade tornar mais conhecido o trabalho desenvolvido por Pierson na ELSP durante as décadas de 1940-50 do século XX.

Palavras-chave: Escola Sociológica de Chicago. Donald Pierson. Ciências Sociais no Brasil.

Community and urban studies coordinated by Donald Pierson in São Paulo Sociology e Politics School – ELSP- Brazil

Abstract: The contribution of Donald Pierson (1900-1995) to the Social Sciences in Brazil has been significant because he combined theory and research in the formation of the first generation of professional social scientists in Brazil. Simultaneously to a series of initiatives aiming to be established in ELSP an academic model in social sciences, he coordinated two studies in São Paulo which have focused on observing the social differences related to eating habits and housing in São Paulo. After these two initial studies, Pierson coordinated two community studies in the interior regions of Brazil, with the aim of identifying aspects of the social change process. Both studies, community and urban, are the subject of this article, which also intends to make better known the work in the ELSP during the decades 1940-50 of the 20th century.

Keywords: Chicago School of Sociology. Donald Pierson. Social Sciences in Brazil.

INTRODUÇÃO

A contribuição de Donald Pierson (1900-1995) para as Ciências Sociais no Brasil foi significativa na formação da primeira geração de cientistas sociais no Brasil. Ele desenvolveu estudos de comunidade no interior do país

* Bacharel em Administração Pública e mestre em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de Araraquara.

e importantes estudos urbanos na cidade de São Paulo nas décadas de 1940-50; entretanto, sua obra hoje é pouco conhecida pelos pesquisadores brasileiros da nova geração.

Considerando que algumas das características do trabalho de Donald Pierson podem ser úteis para os estudos sociais no Brasil e o fato de que sua obra faz parte da história da Sociologia brasileira, este artigo tem por objetivo tecer algumas considerações sobre sua contribuição.

Sendo ele norte-americano, seus estudos sociais apresentam certas características que diferem dos trabalhos de outros cientistas sociais brasileiros seus contemporâneos de formação e orientação europeia, sobretudo francesa, que tem predominado em termos de produção sociológica entre nós.

DONALD PIERSON, A ESCOLA SOCIOLOGICA SE CHICAGO E OS ESTUDOS URBANOS EM SÃO PAULO

Logo que chegou a São Paulo, em 1939, o primeiro passo de Donald Pierson em direção ao treinamento em campo de jovens pesquisadores em Ciências Sociais, ocorreu na própria capital paulista, conforme ele revela em depoimento:

Começamos, então, a empreender pequenos estudos na cidade de São Paulo. Faziam parte do grupo comigo à tarde, a princípio, Octávio da Costa Eduardo, Cecília Sanioto e Oracy Nogueira. Logo depois do que Carlos Borges Teixeira juntou-se ao grupo e, quando ele saiu, para realizar levantamentos sociais descritos abaixo, Dulce Schreiner. Embora não na sala conosco todas as tardes, outros alunos (até cerca de uma dúzia), também trabalharam nestes pequenos estudos, auxiliando com planos de pesquisa, entrevistando informantes, ou organizando dados depois obtidos, cada um durante período de tempo variando de uns dias a alguns meses, entre eles: Cesário Hossri, Maria Aparecida Madeira Kerbeg, Vicente Unzer de Almeida, Nilza Alves de Almeida, Ruy Rodrigues, Gioconda Mussolini, Lilia Schmitt, Maria Salles de Oliveira, Guaracyaba de Carvalho, Maria de Lourdes Leite de Sá e Margarida Monteiro de Barros. (PIERSON apud CORRÊA, 1987, p.43).

Destaca-se que, ao chegar à ELSP, ele já havia estado em contato com os estudos urbanos em Chicago e, por isso, seu conhecimento acerca de algumas das técnicas de estudo da cidade já estavam latentes na sua maneira de trabalhar. Como exemplo, destaca-se um artigo escrito em 18 de dezembro de 1939, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em que ele revela que o recenseamento feito em grandes cidades dos Estados Unidos naquela época estava mudando de um padrão baseado em bairros ou distritos (*wards*) para outro baseado na “face-de-quarteirão” (PIERSON, 1939).

O artigo é interessante, também, pois revela já estar presente em Donald Pierson a concepção de *Ecologia Humana* como forma peculiar

de pesquisa, levando em consideração antes os limites geográficos e ecológicos do que políticos. Sobre isso, é reveladora a passagem a seguir:

Em 1915, Galpin publicou o seu estudo sobre uma comunidade rural norte-americana, estudo esse que serviu de fundamento e ponto de partida para o desenvolvimento da Ecologia Humana. Neste trabalho o autor mostrou, conclusivamente, que os limites de tais comunidades não correspondiam aos seus limites políticos. O pesquisador norte-americano demonstrou que se alguém, partindo do centro de uma comunidade, se dirigisse para a sua periferia, atingiria a um certo ponto em que os interesses humanos e as atividades econômicas e sociais se voltam para outra direção que não a da sua comunidade. Galpin determinou, assim, os limites de uma comunidade rural, pelo sistema de estabelecer os pontos alcançados pelo comércio, desenvolvido por essa comunidade. Podia Galpin, destarte, distinguir as fronteiras de duas comunidades, desprezando os seus limites políticos. (PIERSON, 1939, p.173-4).

E continua ele:

Foi adotando mais ou menos a mesma técnica, que o Departamento de Sociologia da Universidades de Chicago, sob a direção dos chefes de pesquisas Robert E. Park, W.I. Thomas e Ernest W. Burgess, conseguiu determinar 75 diferentes “áreas naturais” – assim chamadas tecnicamente – dentro dos limites políticos da cidade de Chicago. Para a determinação dos limites dessas áreas, empregaram-se de preferência, certos obstáculos naturais, como por exemplo, cursos de água, estradas de ferro, avenidas de muito trânsito, parques, propriedades industriais, terrenos baldios e, até certo ponto, linhas de bondes muito utilizadas e quarteirões comerciais. Entretanto, comparando-se dentre essas áreas, algumas contíguas, verificaram-se diferenças sensíveis entre os seus elementos característicos, embora não existisse, entre elas, obstáculo natural algum, que as separasse nitidamente. Tornou-se, assim, necessário estabelecer outros índices não somente para o estudo dessas áreas, como também para verificar a utilidade dos obstáculos naturais como índices, nas áreas que os contivessem. (PIERSON, 1939, p.174).

Convém ressaltar que, dos três professores de Chicago acima mencionados, Robert Park foi quem elaborou um plano específico de estudo da cidade em 1915 e nele havia, dentre outras formulações, uma delimitação de regiões morais que incorporavam à organização espacial o temperamento individual no agrupamento social dentro da urbe. Nesse plano de estudo, Robert Park concebe a cidade a partir de regiões morais, assim caracteriza-das por ele:

É inevitável que indivíduos que buscam as mesmas formas de empolgação (sejam corridas de cavalos ou óperas) (...) devem se encontrar de tempos em tempos nos mesmos lugares. O resultado disso é que, na organização que a vida da cidade espontaneamente assume, se manifesta uma disposição da população para se segregar, não meramente de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos ou seus temperamentos. A distribuição da população resultante deve ser

provavelmente muito diferente daquela trazida por interesses ocupacionais ou condições econômicas. (PARK apud EUFRÁSIO, 1999, p.55).

Há evidências de que essas premissas investigativas oriundas da Escola Sociológica de Chicago chegaram ao Brasil com maior intensidade a partir da presença de Donald Pierson na ELSP, como indica o estudo realizado por Edgar Mendoza (2005).

Um dos oito trabalhos examinados por Mendoza (2005), o estudo do desenvolvimento de São Paulo por meio da análise de uma radial, de Lucila Hermann, pode ser tomado como exemplo disso, à medida que utiliza como referência tanto o modelo das zonas concêntricas de Ernest Burgess, quanto o das zonas morais de Robert Park (MENDOZA, 2005, p.455).

Ao descrever algumas das características do centro de São Paulo na época, Lucila Hermann parece deixar claro estarem presentes essas referências, como indica o excerto a seguir:

É uma área [o centro] de grande mobilidade material, locomoção, mudança de residência, viagens. Os indivíduos desta área não se sentem presos a ela por laços econômicos, (propriedade de imóveis, emprego fixo, etc). Apenas as meretrizes, poderíamos dizer, encontram aí, afinidade e centro profissional. Mas essas não possuem a mesma liberdade de escolha dos outros grupos sociais. Constantemente controladas pela polícia de costumes, são frequentemente obrigadas a se mudarem para outras zonas, impostas pelas autoridades). Não possuem também laços sociais (família, parentela, relações sociais e vizinhança, respeito humano, associações, etc.) assim, se sentem mais independentes para se afastarem e mudarem. Essa mobilidade material acarreta, acompanha e intensifica uma grande mobilidade moral. É a zona de maior variedade de religião, cultura, sentimentos políticos, nacionalidade, cor raça, etc. em contacto intenso o que determina uma mentalidade propensa à aceitação rápida das inovações e uma fixação mínima dos tabus, convenções, códigos de moral comum. (HERMANN, 1944, p.32).

Ainda que tenha defendido tese de mestrado sobre *Organização Social da Vapidiãna do Território de Rio Branco*, sob orientação de Herbert Baldus e não Donald Pierson, destaca-se que Lucila Hermann foi aluna da ELSP e desenvolveu estudos pós-graduados na instituição, o que parece reforçar o argumento de que as premissas investigativas oriundas da Escola Sociológica de Chicago chegaram ao Brasil com maior força a partir da presença do professor norte-americano no país.

No entanto, dois outros estudos dessa primeira fase de Donald Pierson na ELSP vão merecer atenção especial neste artigo: *Habitacões de São Paulo: Estudo Comparativo* (1942b), e *Hábitos Alimentares em São Paulo* (1944).

Ambos, diferentemente dos demais estudos urbanos mencionados até aqui, foram empreendimentos coletivos de pesquisa, ou seja, contaram com

a participação dos alunos da ELSP, na época sob a coordenação do professor norte-americano.

Os dois estudos também se assemelham no que se refere à delimitação das áreas ecológicas investigadas: uma zona “superior” – representada pelos bairros do Pacaembu, Jardim América e Higienópolis; e uma zona “inferior” – representada pelos bairros da Moóca, Bela Vista (Bexiga) e Canindé (PIERSON, 1944; 1942b).

Em nota em ambos os estudos, Donald Pierson faz menção à função deles de familiarizar os alunos com o valor e as limitações do questionário e do formulário. Sendo assim, fica evidente tratar-se de pesquisas voltadas ao treinamento dos alunos da ELSP em pesquisa empírica, à medida que pressupunham o contato direto com as pessoas e as situações vividas, tanto na região “inferior” quanto na “superior”.

Os estudos, bastante minuciosos em suas descrições, indicam haver uma nítida divisão, seja no que se refere aos hábitos alimentares, seja quanto ao nível de moradia nas duas áreas escolhidas. Em relação às habitações, os itens pesquisados foram, dentre outros, os seguintes: número de dormitórios, cômodos sanitários particulares, chuveiros, banheiros, móveis, bidês, automóveis, quantidade de pianos. (PIERSON, 1942b). Já em relação aos hábitos alimentares, a equipe coordenada por Donald Pierson realizou um inquérito que se estendeu de 4 de fevereiro a 3 de março de 1942, nos mesmos seis bairros já mencionados que serviram de base para a investigação com relação às habitações no município de São Paulo.

O propósito da pesquisa foi o de pesquisar a qualidade e não a quantidade dos alimentos consumidos e foi feita questionando o cardápio do dia anterior à visita (PIERSON, 1944, p. 47).

É interessante observar que Donald Pierson parece ter, nesses dois estudos, mostrado a seus alunos como estabelecer, por meio da formulação de questionários, formulários e sistematização da informação obtida, a distinção, na prática, entre familiaridade e conhecimento, tal qual ele próprio havia sentenciado em sua *Teoria e Pesquisa* (1977):

A “familiaridade com” certo fenômeno, como aliás James e Park nos têm mostrado, é aquela espécie de informação que cada pessoa tem a respeito, por exemplo, dos membros da sua própria família, de seus colegas da escola, da roupa que usa, do pequeno mundo físico e social em que vive. É informação pessoal e íntima. Normalmente, é informação não sistematizada, isto é, sobre a qual ainda não se refletiu e que assim não foi reduzida a uma formulação geral de modo a poder ser transmitida facilmente de pessoa para pessoa. “Ouve-se muitas vezes, por exemplo: ‘Isso eu conheço bem; contudo, não posso externar o que sei a respeito’”. O “conhecimento a respeito de “uma coisa, por outro lado, é a informação passível de ser transmitida. É a informação classificada e organizada em seqüências; isto é, sistematizada. Cada parte tem relação lógica com todas as demais. A “familiaridade com” uma coisa fornece informação viva, íntima, dramática. O “conhecimento a respeito de” uma coisa, por outro lado, é a

informação passível de ser transmitida. É a informação classificada e organizada em sequências; isto é, sistematizada. Cada parte tem relação lógica com todas as demais. A “familiaridade com” uma coisa fornece informação viva, íntima, dramática. O “conhecimento a respeito de” certo fenômeno é geral e sistemático, isto é, científico (PIERSON, 1977, p.48).

O ESTUDO DE COMUNIDADE DE “CRUZ DAS ALMAS: A BRAZILIAN VILLAGE”

Após esse primeiro período de consolidação do ensino de métodos e técnicas de pesquisa – combinadas às pesquisas acima mencionadas realizadas em São Paulo – Donald Pierson concluiu sua atuação enquanto professor da ELSP ao realizar dois projetos de pesquisa em comunidades (CORRÊA, 1987, p. 43-51).

Nesse sentido, os estudos por ele coordenados – *Cruz das Almas: a Brazilian Village* (1951) e *O Homem no Vale do São Francisco* (1972) – não somente revelaram preciosos aspectos da realidade social observada empiricamente, mas, também, desempenharam um papel fundamental – e talvez único na história das Ciências Sociais do Brasil até então – de complementar, no campo, a formação teórica de uma geração de estudantes na disciplina. Sendo assim, além da análise específica dos estudos de comunidade, torna-se importante analisar alguns aspectos relativos ao processo de aprendizagem de métodos e técnicas em pesquisa empírica que a sua obra proporcionou.

O Estudo de Comunidade de *Cruz das Almas*, publicado pela primeira vez em 1951, apresenta alguns dos princípios que nortearam o trabalho de Donald Pierson no ensino e na pesquisa de campo dentro das Ciências Sociais. Entre eles destaca-se a observação empírica da realidade social, por meio de métodos e técnicas trabalhadas em sala de aula.

Sobre a relevância desse estudo, o cientista social alemão Emílio Willems assim se expressou em resenha publicada como separata da Revista *Sociologia*, logo após a publicação de sua primeira edição:

Apesar das torrentes de tinta que se vertem em benefício do caboclo brasileiro, este continua um dos tipos humanos mais ignorados, certamente mais do que uma porção de tribos indígenas do Brasil. Para muitos ele ainda é o incorrigível jeca-tatu, imbuído da filosofia do “plantando dá”, ao passo que espíritos mais românticos o consideram como manancial de forças humanas latentes. [...] Na literatura sociológica e pseudo-sociológica o caboclo figura, quase exclusivamente, como massa anônima e amorfa, como pano de fundo para senhores de engenho, caudilhos, coronéis e grileiros. **Em generalizações sobre as instituições básicas do Brasil o caboclo é geralmente esquecido.** Essa tendência de tomar a parte pelo todo, omitindo consciente ou inconscientemente a possibilidade de importantes variações ou “desvios” entre os trinta e tantos

milhões de “zeros econômicos” é característico de uma época de que somente se pode esperar tenha terminado. Tendo em vista o fato de que a literatura científica sobre sociedade e cultura rural do Brasil é limitadíssima, a recente monografia de Donald Pierson tem um significado extraordinário. (WILLEMS, 1951, p. 390, grifo do autor).

Sem fazer menção específica ao estudo da comunidade cabocla do interior paulista, Oracy Nogueira (1917 – 1996) indiretamente concorda com essa análise inicial da resenha de Willems, conforme se depreende da passagem a seguir:

[...] Além disso, trazendo ao primeiro plano a observação direta da vida dos indivíduos, com seu comportamento verbal e suas atitudes, sua atuação recíproca, seu comportamento tradicional e suas improvisações, suas convicções e suas racionalizações, os estudos de comunidade desvendam um importante aspecto da realidade social que escapa de todo ou é minimizado quando se adotam outras técnicas ou perspectivas que levam a uma apreensão dessa realidade pelos seus aspectos mais externos e quantitativos. Em outras palavras, os estudos de comunidades permitem um exame mais adequado das manifestações subjetivas e interindividuais da vida social, revelando a tendência do grupo a perpetuar seus valores tradicionais ou abandoná-los e a substituí-los por outro sistema de valores; enfim, a reproduzir a própria vida social, indefinidamente, tal qual é, ou a deixá-la mudar, quer numa atitude de indiferença ou mero consentimento, quer pelo empenho consciente em prol do advento de novas condições de vida vislumbradas e desejadas. (NOGUEIRA, 1968, p.176-7).

Essas manifestações subjetivas e inter-individuais a que se refere Oracy Nogueira estão em harmonia com a *perspectiva interacionista*, cujos representantes foram Georg Simmel e Robert Park, e na pesquisa de Cruz das Almas podem ser observadas no seguinte excerto:

A característica da intimidade de contatos na comunidade é evidente na informalidade com que os moradores e agricultores se cumprimentam quando se encontram. Ninguém dá a mão e a saudação comum para contactos mais formais, “Bom Dia!” Ou “Boa Tarde!” é raramente usada. Tal comportamento é reservado para encontros com estranhos em que as relações não são deste caráter íntimo e primário. Passar por um conhecido, porém, sem uma palavra, um sorriso, ou outro gesto indicando que sua presença é notada e apreciada, é uma ofensa grave. Normalmente, um pára para conversar um pouco antes de continuar o seu caminho. A conversa pode ser feita sobre o clima, ou sobre a razão por ambos estarem naquele lugar, ou algo igualmente banal. Isto é sempre acompanhado por um sorriso ou outra gentil expressão qualquer. Após encontrar um estranho pela segunda (ou subsequente) ocasião durante o mesmo dia, o cumprimento formal de “Bom dia!” ou “Boa tarde!” é substituído por uma das quatro expressões: “Oi”, “Olá!”, “Sim senhor!”, Ou “sim Nhôr!”. (PIERSON, 1951, p. 120, tradução do autor).

No entanto, além de revelar esse e outros aspectos pouco estudados da cultura do interior do Brasil, o livro de Donald Pierson, como inicialmente destacado, foi mote para o treinamento em campo de uma geração de jovens pesquisadores da ELSP, conforme salienta Willems:

Diretor no Brasil, do programa do Instituto de Antropologia Social da *Smithsonian Institution* em Washington, Pierson incumbiu-se de iniciar estudantes da Escola de Sociologia e Política de São Paulo nos métodos de pesquisa sociológica e antropológica. Assim, este livro é fruto de esforço coletivo, circunstância essa que poderia ter tido consequências menos desejáveis, especialmente com referência à integração dos dados colhidos. É preciso dizer, no entanto, que o autor conseguiu contornar o perigo inerente a essa situação, conseguindo um elevado grau de integração do material colhido. E esta me parece ser uma das grandes qualidades do livro (WILLEMS, 1951, p. 390).

Um dos integrantes desse esforço coletivo, o ex-aluno da ELSP Levy Cruz, faz menção à forma como foi coletado o material e, então, utilizado pelo professor Donald Pierson para a construção do livro:

O método de pesquisa era essencialmente o etnográfico, quer dizer, a gente conversava informalmente com as pessoas, observava a conduta das pessoas, da própria Vila, mas em alguns casos nas áreas rurais, e então a gente anotava depois as informações que a gente conseguia e quando chegava aqui em São Paulo, de volta a cada final de semana, entregava as anotações para uma secretária, e as punha então em fichas e daí então que Pierson utilizava o material que havia sido coletado. Basicamente esse era o método de pesquisa e... não sei exatamente o período que passei “nessa vida”, digamos assim, vai e vem para Araçariçuama, mas começou eu acho que em fins de 1948 e durou até certo ponto de 1949, quando terminou definitivamente o trabalho por lá.¹

O método etnográfico mencionado por Levy Cruz resultou na avaliação de Emílio Willems em resenha já mencionada, numa das mais notáveis qualidades do livro, assim expressa pelo cientista social alemão:

Não poucos leitores brasileiros, familiarizados com a vida rural, acharão excessivamente pormenorizados e talvez desnecessários alguns dos primeiros capítulos. Todavia, quem já se viu obrigado a ministrar cursos monográficos ou comparativos sobre culturas rurais da América Latina somente pode rejubilar-se com a abundância de detalhes e a segurança com que a etnografia de Cruz das Almas foi tratada. É preciso acrescentar, aliás, que essa parte corresponde à orientação que se tem procurado imprimir às publicações do Instituto de Antropologia Social. Nesse particular, Pierson seguiu a melhor tradição etnográfica, e estou inclinado a julgar esse traço uma das grandes qualidades do livro, a despeito do menosprezo que não poucos contemporâneos têm manifestado com relação à ergologia (WILLEMS, 1951, p.390).

¹ Informações obtidas pelo autor em depoimento de Levy Cruz, no dia 11 de novembro de 2009.

Cabe então destacar que, além das seções introdutórias com respeito à vila e às raízes no passado, a monografia apresenta duas grandes seções descritas a seguir:

1) A Base Ecológica, que inclui: a) Habitat – Solo, Clima e Estações, Suprimento de Água, Mata, Animais Silvestres; b) População – Distribuição por sexo, idade e raça; fertilidade e longevidade; mortalidade infantil; mobilidade; higiene e hábitos corporais; c) Técnicas de Subsistência – Atividades extrativas; coleta de alimentos; caça e pesca; frutas silvestres; Iças; Exploração das Matas; Preparação para explorar uma pedreira; alimentação e hábitos alimentares; Aguardente, tabaco e café; habitações, móveis e utensílios; Luz e Combustível; Vestimentas; Proteção: a faca de bainha e a garrucha; Apetrechos; Pesos e medidas; Divisão do trabalho; Agricultura, sítios e fazendas; Plantio, cultivo e colheita; Hortas e pomares; O mutirão; Declínio da agricultura; Animais Domésticos; Início da criação de gado e utilização de laticínios, cachorros, abelhas; Processos de Fabricação, Trabalhos Manuais, Cestaria, Fogos de artifício, Cerâmica, Arapuca; Fabricação de farinha de Milho, Fabricação de Açúcar; Olaria; Destilação de Aguardente; Fabricação de Carvão; Serraria; Vendas; Transportes; Riqueza e Propriedade; Dinheiro, Crédito e Salário.

2) Sociedade e Cultura, que inclui: a) Isolamento e Contato – Caipira versus Cidadão; Grupos de Conversa; b) Linguagem; c) Etiqueta – O cafezinho; O fazer Compras; d) A Família – Relações entre membros da família; Relações entre os sexos; Papel e status da mulher; Mancebia; “Filhos naturais”; As solteironas; As viúvas; e) Compadrio; f) Ritual, cerimônia e crença – Igrejas e capelas; “Funcionários sagrados”; Santos; O repicar dos sinos; Missa, reza e novena; Confissão e Comunhão; Festas religiosas; Almas e a santa cruz; Promessas; Romarias; Evangelistas; Espiritismo; Cepticismo; g) Comportamento Político; h) Relações Raciais – Intercasamento; i) Conflito; j) Solidariedade – Status e prestígio; Liderança; Controle Social; k) Humor; l) Provérbios, epigramas e outros ditos comuns; m) Mudança social; n) Desorganização Social (ARQUIVO EDGARD LEUENROTH, Fundo Donald Pierson, Pasta Nº55).

Observa-se, portanto, uma orientação na qual Donald Pierson concede grande importância à base biótica e econômica, ou seja, ecológica. Ele parte do pressuposto de que a competição entre os seres humanos é que determina, em nível biótico, a organização social; razão pela qual enfatiza tais aspectos (PIERSON, 1977, p. 121).

Em nota à resenha de E. Willems é o próprio autor quem expressa essa orientação:

Talvez convenha indicar também que, para mim, a consideração básica no estudo da Ecologia Humana é a luta pela existência, da qual emerge a comunidade humana; organização essa em que todas as técnicas de subsistência, inclusive a divisão do trabalho, os processos manufatureiros, e o sistema monetário são partes integrantes. (PIERSON in WILLEMS, 1951, p. 292-3).

Por outro lado, em agrupamentos sociais onde há diferenciação e maior desenvolvimento dos meios de comunicação, o indivíduo tem maiores

possibilidades de desenvolver a autoconsciência e, então, age consciente e conjugadamente com outros, dando origem a conflitos e à necessidade de assimilação; esses processos é que são característicos de sociedades, razão pela qual, ao que parece, “Sociedade e Cultura” integra a segunda parte do estudo (PIERSON, 1977, p.124).

Ainda, concluindo a nota à resenha antes mencionada, Pierson revela que:

Talvez deva dizer também que nos meus ensinos e escritos usei durante vários anos o conceito “cultura” num sentido mais restrito do que o usado por alguns antropólogos e sociólogos. Nisso, segui Sapir, Redfield e outros, que consideram “a cultura” e “a técnica” conceitos diferentes (PIERSON apud WILLEMS, 1951, p. 393).

Parece, portanto, que em *Cruz das Almas*, Donald Pierson buscou restringir a investigação relativa à “sociedade e cultura” aos limites ecológicos da comunidade – observáveis empiricamente. Agindo assim, orientou os jovens pesquisadores da ELSP que participaram daquela pesquisa tendo em vista os princípios que nortearam seus trabalhos, os quais têm sido enfatizados ao longo deste artigo.

O HOMEM NO VALE DO SÃO FRANCISCO

Em *O homem no Vale do São Francisco* (1972), o professor norte-americano Donald Pierson evidencia não apenas sua enorme capacidade de trabalho, como também seu respeito pelo Brasil e seu povo.

Dividido em três tomos, os quais somados resultam em 1502 páginas, esse *estudo de comunidade* é, na verdade, quase um estudo regional, tamanha a abrangência ecológica das comunidades estudadas ao longo dos 3161 quilômetros do único rio que nasce e deságua integralmente dentro do território brasileiro (PIERSON, 1972a, p.29).

O grande estudo de cinco *pares* de comunidades simbolizou a terceira fase do trabalho de Donald Pierson na ELSP, conforme ele mesmo revela em depoimento:

Mais tarde ainda, levei o plano para o terceiro passo, ou seja, aquele em que ao invés de jovens pesquisadores receberem diretamente minha orientação e supervisão, eles pesquisavam, como membros de turmas de pesquisadores, cada turma sob a supervisão de um jovem pesquisador já mais preparado e experiente, incluindo “assistentes” e jovens professores, e todos sob a minha orientação e supervisão gerais. Tal pesquisa foi levada a efeito no vale do importante rio São Francisco (CORRÊA, 1987, p.46).

As cinco localidades estudadas foram divididas entre os seguintes pesquisadores:

Cerrado e Retiro: Esdras Borges Costa e assistentes Maria Isabel dos Santos Carvalho, padre Aldemar Moreira, Gastão Thomaz de Almeida e Neide Carvalho; Rio Rico e Gerais: Levy Cruz e assistentes Aparecida Joly Gouveia, Gastão Thomaz de Almeida, Frederico de Barros Brotero e Zilda Cruz; Pesqueira e Marrecas: Fernando Altenfelder Silva e assistentes Maria Galvão Cardoso, Candido Procopio Ferreira Camargo e Lidia Altenfelder Silva; Sertão Novo e Ilha de Toré: Octavio da Costa Eduardo e assistentes Artur Cesar, Natalia Rodrigues Bittencourt e Plínio Figueiredo; Passagem Grande: Alceu Maynard Araujo e assistentes Natalia Rodrigues Bittencourt, Joao Vicente Cardenuto, Geraldo Semenzato e Noemia de Toledo; Cuzcuzeiro: Alfonso Trujillo Ferrari. (PIERSON, 1972a, p.18)²

Em cada um desses locais de pesquisa, na verdade zonas ecológicas, o propósito era perceber indícios de mudança social. Sendo assim:

Cada estudo seria feito em um *par* de localidades, em cada área, a fim de pôr em contraste os efeitos, especialmente quanto à vida em comum e cultura, do isolamento de um lado e, de outro, do contato [...]. Uma localidade em cada par, então, seria mais isolada que a outra, onde os hábitos e costumes definidos por tradição seriam, com toda a probabilidade, relativamente fixos e, portanto, capazes de refletir ainda e com mais clareza, pelo menos, os principais aspectos da vida em comum e da cultura, há muito característicos da área em apreço. A outra localidade de cada par, embora situada na mesma área geral, estaria mais em contato com o mundo de fora, de modo que mudanças, tanto as ecológicas quanto as sociais, pudessem estar ao menos começando a aparecer (PIERSON apud CORRÊA, 1987, p. 47).

Em correspondência destinada a D. Pierson, datada de 5 de dezembro de 1972, concluída, portanto, a pesquisa, um dos assistentes de pesquisa, Gastão Tomás de Almeida, revela que o objetivo inicial do cientista social norte-americano foi atingido:

Em 1959 voltei a Correntina, cheguei a publicar algumas reportagens sobre a região e senti a grande diferença. Talvez lhe seja interessante resumir a minha impressão, no sentido de que a cidade estava se desenvolvendo. Ocorre que em 1952, quando ali estivemos, à pergunta sobre quais eram os problemas da cidade, sua população respondia com um indiferente “nenhum problema”. Em 1959, voltei a repetir a pergunta; e as respostas eram sempre extensas, diversificadas. Senti, então, que havia desenvolvimento da cidade, caracterizada pela conscientização de seus problemas. Senti a falta da mangueira na grande praça, em 1959 já com um jardim (meio abandonado), mas a usina estava pronta; a cidade já

² Em depoimento publicado na Revista de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, a Cadernos de Campo n. 18 (2009), Esdras Borges Costa fala sobre sua experiência de pesquisa no Vale do rio São Francisco, dentre outros assuntos abordados.

tinha luz (senti falta do luar); automóveis já circulavam em suas ruas; havia maiores contatos com o mundo exterior (inclusive Brasília, então em construção) (AEL – FDP – Pasta Pesquisa Vale do São Francisco, seção de Levy Cruz).

É interessante observar também que os registros obtidos nas pesquisas em comunidades têm um valor histórico-comparativo que difere essencialmente de estudos sociais realizados com base em outras orientações, principalmente por seu caráter empírico. Nesse sentido, Octávio da Costa Eduardo faz menção a algumas das mudanças sociais por ele observadas empiricamente, desde a época em que foram realizadas as pesquisas, até os dias atuais:

Nós fizemos os Estudos de Comunidade realizados na década de 1950 no Brasil, são estudos que revelam grande parte do que eram essas comunidades no Brasil da época. Agora, o Brasil é diferente. [...] Você vai hoje, por exemplo, a Cabrobó. Cabrobó não tem mais mil habitantes na cidade, deve ter quinze a vinte mil habitantes. Cabrobó tinha duas ou três pessoas que tinham rádio na época, em 1952, 1953. Hoje todo mundo tem rádio e tem televisão, e tem telefone celular, e tem geladeira. Não havia geladeira em Cabrobó na época, a eletricidade que se tinha lá era de um motor elétrico, que era das 18 às 22hs quando fechava. E nem sempre funcionava, depois é que veio a energia de Paulo Afonso para lá. Mas é completamente diferente. Hoje em dia você tem uma comunidade em Cabrobó que é uma comunidade urbana, e não uma comunidade rural. Muito embora se tenha uma área rural, mas pequena em relação ao que era. Agora, Cabrobó sempre foi um município, na minha época, era um município que vivia muito mais do criatório – especialmente do criatório de gado, do que da agricultura – tinha agricultura... e é por isso que eu a chamei de Sertão Novo... por quê? Porque estava havendo uma revolução agrícola em Cabrobó, em toda a região do vale do São Francisco, no médio São Francisco, de Petrolina em relação ao litoral. Qual foi essa revolução? Foi uma revolução tecnológica. Apareceu um camarada em Petrolina (PE) que descobriu o seguinte: se eu conseguir irrigar as terras, eu vou poder ter uma agricultura muito mais produtiva do que eu tenho atualmente. Que a agricultura na época era agricultura de vazante, praticada a beira do rio especialmente, da vazante do rio. Você tinha agricultura na caatinga em rios que não eram perenes, vinha a seca e o que acontecia? Perdia-se tudo. Gado percia. [...] quando nós chegamos lá, na primeira vez que estive lá em 1950 eu, o Pierson e o Levy, nós logo verificamos o seguinte: Cabrobó estava começando a ter uma revolução agrícola. Que vários agricultores, vários fazendeiros estavam irrigando as terras com motor, ou então com roda d'água – havia algumas rodas d'água – e isso alterou completamente a situação do município, alteração da vida daquelas pessoas.³

O estudo em si apresenta diversos aspectos interessantes. Um deles está em função da área ecológica escolhida que, ao atravessar os Estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, entra em contato

³ Depoimento obtido pelo autor em dezembro de 2009.

com uma das regiões mais pobres do Brasil (PIERSON apud CORRÊA, 1987, p.53).

Ou seja, à medida que a região é uma das mais desprovidas do país, há falta de informações e dados a respeito dela, como já notava no início do século XX, Euclides da Cunha:

Demarca-o de uma banda, abrangendo dois quadrantes, em semicírculo, o Rio São Francisco; e de outra, encurvando também para sudeste, numa normal à direção primitiva, o curso flexuoso do Itapicuruauçu. Segundo a mediana, correndo quase paralelo entre aqueles, com o mesmo descambar expressivo para a costa, vê-se o traço de um outro rio, o Vaza-Barris, o *Irapiranga* dos tapuias, cujo trecho de Jeremoabo para as cabeceiras é uma fantasia de cartógrafo. De fato, no estupendo degrau, por onde descem para o mar ou para jusante de Paulo Afonso as rampas esbarrancadas do planalto, não há situações de equilíbrio para uma rede hidrográfica normal. Ali reina a drenagem caótica das torrentes, imprimindo naquele recanto da Bahia *facies* excepcional e selvagem. **Abordando-o, compreende-se que até hoje escasseiem sobre tão grande trato de território, que quase abarcaria a Holanda (9° 11' – 10° 20' de lat. e 4° - 3°, de long.O.R.J.), notícias exatas ou pormenorizadas.** As nossas melhores cartas, enfeixando informes escassos, lá têm um claro expressivo, um hiato, Terra ignota, em que se aventura o rabisco de um rio problemático ou idealização de uma corda de serras (CUNHA, s/d, p.16-17, grifo meu).

Na obra de Donald Pierson essa dificuldade aparece, por exemplo, em carta endereçada a Jaime Duarte, datada de 7 de agosto de 1956, quando ele faz referência à necessidade da obtenção de informações com respeito a rodas d'água na região:

Bem sei as dificuldades no caminho de obter informações estatísticas, fidedignas e completas, sobre todos os municípios do vale. Acho que o senhor procedeu na única maneira a nós disponível, nas atuais circunstâncias. [...] Pode me informar se ou não a CVSF tem informação sobre 1) o número de rodas d'água (tais como as em Cabrobó) que existem no Vale? E também 2) a localização de cada um – ao menos o município em que está? Podemos descobrir alguma coisa sobre 3) quando e 4) onde, a primeira foi construída? Sobre 5) as circunstâncias, com pormenores, da construção dela? E sobre 6) as datas de construção ao menos de parte das demais? (AEL – FDP, Pasta 63).

Assim, é de se enaltecer o trabalho do professor norte-americano na região, pois ele fornece informações valiosas, não somente com relação à base ecológica, mas, também, quanto à vida social local.

Dessa forma, essa estrutura investigativa – diferenciando base física e/ou ecológica e os processos de socialização decorrentes – também se faz presente no estudo do *Homem no Vale do São Francisco*, assim como em *Cruz das Almas* (1951), conforme anteriormente mencionado.

O ESTUDO DO HOMEM NO VALE DO SÃO FRANCISCO E O PLANEJAMENTO GOVERNAMENTAL

Ao final dos três tomos dessa obra científica sobre o homem no vale do São Francisco, o professor Donald Pierson apresenta, baseado em opiniões de outros especialistas, sugestões para o planejamento social governamental.

Essas sugestões, inseridas ao final da obra sob a forma de apêndice, têm especial relevância para os gestores públicos, seja da região do vale do São Francisco ou não, à medida que indicam caminhos para que sejam tomadas decisões relativas à mudança social planejada, fundamentada em pesquisas prévias realizadas por cientistas sociais capacitados.

A seguir, as doze sugestões de Pierson que mostram como podem ser utilizadas as informações do estudo para a elaboração de políticas públicas governamentais:

- 1- Conheça a cultura na qual vai ser introduzida a mudança; 2-Pense em termos do potencial verdadeiro da comunidade em questão, e não em termos de um programa ideal a ser executado numa comunidade ideal; 3- Quaisquer que sejam as esperanças a longo prazo, comece com um projeto pequeno e sem complicações, que ofereça possibilidade de resultados óbvios dentro de um período de tempo relativamente curto; 4- Procure apresentar um programa que seja integrado, e não uma série de projetos separados, sem relações entre si; 5- Selecione com extremo cuidado o local de introdução da projetada mudança; 6- Dedique atenção especial à escolha da pessoa ou pessoas de fora que vão introduzir a mudança; 7- Não peça a pessoa alguma na comunidade que faça algo que possa ameaçar-lhe a margem talvez já estreita de segurança material; 8- Aproveite a natureza pragmática de todas as pessoas, em toda a parte, apelando para os valores pragmáticos já adotados pelos moradores; 9- Siga a melhor sequência possível no lançamento do programa; 10- Utilize em todos os casos possíveis a liderança existente na comunidade; 11- Envide todos os esforços para evitar que alguma pessoa da localidade se manifeste *contra* o projeto; 12- Exija pelo menos um pagamento simbólico por serviços e materiais prestados ou entregues à comunidade. (PIERSON, 1972c, p.474-5).

CONCLUSÃO

Neste artigo foram apresentados brevemente os estudos de comunidade e os urbanos coordenados por Donald Pierson, na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) de São Paulo, durante as décadas de 1940-50.

Considerando que ele foi um dos principais articuladores do desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil no período em que esteve na ELSP, o artigo ganha também a dimensão de retomar os estudos acerca do trabalho desse importante cientista social norte-americano.

Formado pela *Escola Sociológica de Chicago*, Donald Pierson veio ao Brasil já tendo como referência os trabalhos dessa importante Escola, destacando-se aqueles relacionados a Robert E. Park, seu orientador de doutorado, e os Estudos de Ecologia Humana.

De acordo com essa disciplina científica, os Estudos Sociais deveriam se limitar a zonas ecológicas específicas, pois assim poderiam ser feitas pesquisas empíricas com vistas a, gradualmente, preservar, modificar, ou descartar determinada linha de investigação ação teórica. Os estudos de comunidade e os urbanos coordenados por Donald Pierson tiveram como referência, além dos estudos mencionados, outros de natureza parecida desenvolvidos em Chicago e no Brasil; sob sua inspiração, eles tomaram um caráter diferente, tendo em vista inclusive o objetivo didático. Aqui, estudos como *Habitacões de São Paulo: Estudo Comparativo* (1942b) ou *Hábitos Alimentares em São Paulo* (1944) serviram para que jovens pesquisadores da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo se familiarizassem com técnicas de pesquisa empírica, tais como a elaboração e realização de questionários, formulários e a sistematização dos dados.

Entre as alunas formadas no período, destaca-se Lucila Hermann, que desenvolveu importantes estudos urbanos em cidades como Guaratinguetá e São Paulo. Dessa forma, nos estudos urbanos mencionados, houve uma preocupação por parte de Donald Pierson com o treinamento de seus alunos/as em métodos e técnicas de pesquisa empírica, sendo que muitas delas haviam sido passadas previamente em Seminários e aulas de graduação e pós-graduação na ELSP, tendo como referência trabalhos oriundos da Escola Sociológica de Chicago (MENDOZA, 2005).

Pode-se dizer que, entre os estudos coordenados por Donald Pierson durante seu período como professor da ELSP, os de maior repercussão foram os das comunidades de *Cruz das Almas* (1951) e do *Homem no Vale do São Francisco* (1972). apresentados brevemente na parte final deste artigo, pois consolidaram a formação de uma primeira geração de cientistas sociais no Brasil.

Além do pioneirismo dos estudos em si, destaca-se que os estudos de Pierson tiveram como característica interessante serem estudos empíricos, ou seja, elaborados com base na da observação *in loco* da realidade social pesquisada. Assim sendo, este artigo procura mostrar que tanto os estudos de comunidade, quanto os urbanos, acima mencionados, dão a dimensão da atuação do professor Donald Pierson no país, o qual foi fundamental na formação – em teoria e pesquisa empírica – da primeira geração de cientistas sociais profissionais do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO Edgard Leuenroth – Fundo Donald Pierson. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP). Pastas: 23, 28, 34, 63, 64, 65, 68. Visitas em outubro e novembro de 2010 e janeiro de 2011.

ARAÚJO, Oscar Egídio. Enquistamentos Étnicos. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, v. LXV, p. 227-246, 1940.

BECKER, Howard. *Conferência: a Escola de Chicago*. Rio de Janeiro, Mana, 2(2), p.177-188, 1996.

BIXIGA: Um musical na contra-mão. Governo do Estado de São Paulo e Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. São Paulo, 2010.

COHN, Gabriel. *Crítica e resignação: fundamentos da Sociologia de Max Weber*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

CORNING, Peter A. Durkheim and Spencer. *The British Journal of Sociology*, Vol. 33, No. 3 (Set., 1982), pp. 359 – 382. Publicado por: Blackwell Publishing on behalf of The London School of Economics and Political Science. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/589482>>. Acesso em: jan. 2010.

CORRÊA, Mariza. *História da Antropologia no Brasil: 1930 – 1960, testemunhos*. São Paulo: Editora Vértice; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987.

COSER, Lewis. *William I. Thomas: life, work, and context*. p. 530-36. Masters of sociological thought: ideas in historical and social context. 2nd. ed. New York: Harcourt Brace Jovanowich, 1977.

DEL VECCHIO, Angelo; DIÉGUEZ, Carla (Orgs.). *As pesquisas sobre o padrão de vida dos trabalhadores da cidade de São Paulo: Horace Davis e Samuel Lowrie, pioneiros da Sociologia aplicada no Brasil*. São Paulo: Sociologia e Política, 2008.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social; As regras do método sociológico; O suicídio; As formas elementares da vida religiosa*. Coleção Os Pensadores. Seleção de textos de José Artur Giannotti. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura et alii. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ESCOLA Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Manifesto de fundação. São Paulo, 27 abr. 1933. Disponível em: http://www.fespsp.org.br/Mantenedora/Manifesto_de_Fundacao_da_Escola.htm>Acesso em: jan. 2011.

EUFRÁSIO, Mário A. *Estrutura urbana e ecologia humana: a escola sociológica de Chicago (1915–1940)*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIEDKE FILHO, Enno D. A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios. *Sociologias*, ano 7, nº 14, Porto Alegre, p.376-437, jul/dez. 2005.

HERMANN, Lucila. Grupos Sociais de Guaratinguetá. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. XLIX, p. 71-92, 1938.

_____. Estudo do desenvolvimento de S. Paulo através da análise de uma radial: a estrada do café (1935). *Revista do Arquivo Municipal*, vol.XCIX, São Paulo, 1944.

IANNI, Octávio. Resenha Bibliográfica. Suplemento Literário. *O ESTADO DE SÃO PAULO*, 29 abr. 1961.

JACKSON, Luis Carlos. A tradição esquecida: estudo sobre a sociologia de Antonio Candido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 16, nº 47, out. 2001.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KANTOR, Iris; MACIEL, Débora; SIMÕES, J. A. *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação (1933-1953): depoimentos*. 2ª. ed. São Paulo: Sociologia e Política, 2009.

LYND, Robert S.; LYND, Helen M. *Middletown: a study in American culture*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1929.

_____. *Middletown in transition: a study in cultural conflicts*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1937.

MENDOZA, Edgar S. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). *Sociologias*, ano 7, nº 14, Porto Alegre, p. 440-470, jun/dez. 2005.

NOGUEIRA, Oracy. *Pesquisa Social: introdução às suas técnicas*. São Paulo: Nacional/ EDUSP, 1968.

_____. Atitude desfavorável de alguns anunciantes de São Paulo em relação aos empregados de cor. *Revista Sociologia*, São Paulo, v. 4, p. 328-357, 1942.

_____. *Preconceito de marca: As relações raciais em Itapetininga*. Apresentação e edição de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

_____. *Vozes de Campos do Jordão: experiências sociais e psíquicas do tuberculoso pulmonar no Estado de São Paulo*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

OLIVEIRA, Isabela. Os estudos urbanos de Donald Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política. *XIV Congresso Brasileiro de Sociologia*. Rio de Janeiro, 2009.

_____; DAMASCENO, Janaina. Constituindo um campo: estudos de comunidades e o desenvolvimento das ciências sociais no Brasil (1940-1960). *Revista Cadernos de Campo*, São Paulo, n.18, 2009.

PARK, Robert E.; BURGESS, Ernest W. *Introduction to the Science of Sociology*. Illinois (USA): The University of Chicago Press, Chicago, 1921. Disponível em: <http://www.archive.org/details/IntroductionToTheScienceOfSociology>. Acesso em: jan. 2011.

PHILIPPI, Sonia T. et alii. *Pirâmide alimentar adaptada: guia para escolha dos alimentos*. *Nutrição*. Campinas/SP, p. 65-80, jan./abr. 1999.

PIERSON, Donald. Recenseamento por Quarteirões. *Revista do Arquivo Municipal*, n. LXII, Prefeitura do Município de São Paulo, Departamento de Cultura, 1939.

_____. A Distribuição Espacial das Classes e das Raças na Baía. Separata da *Revista do Arquivo* Nº LXXIII. Departamento de Cultura, São Paulo, 1941b.

_____. *A Composição Étnica das Classes na Sociedade Baiana*. Separata da Revista do Arquivo n. LXXVI. Departamento de Cultura, São Paulo, 1941c.

_____. *Negroes in Brazil: a study of race contact at Bahia*. Chicago: The University of Chicago Press, 1942a.

_____. Habitações de São Paulo: estudo comparativo. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, n. LXXXI, p. 199-238, Departamento de Cultura, São Paulo, 1942b.

_____. *O Candomblé da Baía*. Coleção Caderno Azul, Curitiba, S.Paulo/ Rio de Janeiro: Guairá, 1942c.

_____. Hábitos alimentares em São Paulo. *Separata da Revista do Arquivo Municipal* n. XCVIII. Departamento de Cultura, São Paulo, 1944.

_____. Ecologia humana. *Sociologia: revista didática e científica*. São Paulo: Imprensa Comercial, 1947. p. 153-163.

_____. *Cruz das Almas: a Brazilian village*. Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology. Publication Nº 12. United States Government Printing Office: Washington, 1951.

- _____. *Cruz das Almas*. São Paulo: José Olympio, 1966.
- _____. *Estudos de Ecologia Humana*. São Paulo, Martins, 1970a. (Tomo I).
- _____. *Estudos de Organização Social*. São Paulo: Martins, 1970b. (Tomo II).
- _____. *O Homem no Vale do São Francisco*. Com a colaboração de Alceu M. Araújo, Alfonso T. Ferrari, Esdras B. Costa, Fernando A. Silva, Levy Cruz, Octavio da C. Eduardo e outros. Tradução: Prefácio e Tomo I: Maria Aparecida Madeira Kerbeg; Tomo I (Capítulo II), Tomo II, e Tomo III: Ruy Jungmann. Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE), Ministério do Interior. Rio de Janeiro, 1972a (Tomo I), 1972b(Tomo II), 1972c (Tomo III).
- _____. *Teoria e Pesquisa em Sociologia*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1977.
- _____; TEIXEIRA, Carlos Borges. "Survey" de Icapara. *Sociologia: revista didática e científica*. Imprensa Comercial, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 3 - 21, 1947. 12 v.
- REDFIELD, Robert. *The folk culture of Yucatan*. Chicago (Illinois): The University of Chicago Press, 1941.
- SIMMEL, Georg. *Sociología: Estudios sobre las formas de socialización*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1939.
- _____. *Filosofia do Amor*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *Georg Simmel: On Individuality and Social Forms*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1971.
- SUMNER, William G. *Folkways: a study of the sociological importance of usages, manners, customs, mores, and morals*. Boston: The Atheneum Press, 1934.
- _____. *Folkways: estudo sociológico dos costumes*. Trad. de Lavínea Costa Villela. São Paulo: Martins Fontes, 1950. 2 tomos.
- THOMAS, William I.; ZNANIECKI, Florian. Nota metodológica. capítulo introdutório. Trad. Mario A. Eufrásio. In: EUFRÁSIO, Mario (Org.). *The Polish peasant in Europe and America*. São Paulo: Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.
- VIDA Vegetariana. Disponível em:<http://www.vidavegetariana.com/site/culinaria.php?page=culinaria/biblioteca/quinua/index> Acesso em: maio 2011.
- VILA NOVA, Sebastião. *Donald Pierson e a Escola de Chicago na Sociologia brasileira: entre humanistas e messiânicos*. Lisboa: Vega, 1998.
- WAIZBORT, Leopoldo. Simmel no Brasil. *DADOS, Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 50, n.1, p. 11-48, 2007.
- WARNER, W. Lloyd; LUNT, Paul S. *Yankee City Series*. The social life of a modern community. New Haven: Yale University Press, 1941. Vol. 1
- WILLEMS, Emílio. *Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil*. São Paulo: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, Diretoria de Publicidade Agrícola, 1947.
- XIDIEH, Oswaldo E. Subúrbio. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. CXIV, p. 173-184, 1947.